



a minha palavra favorita

Edição
Jorge Reis-Sá

| | |
|--------------------------|---------------|
| Urbano Tavares Rodrigues | Alentejo |
| Artur do Cruzeiro Seixas | Amor |
| António José Teixeira | Árvore |
| José Luís Peixoto | Calicatri |
| Rosa Lobato de Faria | Cântaro |
| Paulo Cunha e Silva | Caos |
| Marcelo Rebelo de Sousa | Cristo |
| Clara de Sousa | Encertar |
| Rui Pedro Tendinha | Palavra |
| Francisco José Viegas | Poeira |
| Carmen Dolores | Poesia |
| Mário Dorminsky | Porto |
| Nuno Crato | Serendipidade |
| Francisco Penim | Upabiluca |
| Clara Pinto Correia | Valente |
| [...] | [...] |

Albano Martins
Alberto Pimenta
Alexandre Nave
Amadeu Baptista
Ana Anes
Ana Marques Gastão
Ana Vitorino
António Fournier
António Gonçalves
António José Teixeira
António Machado
António Rebordão Navarro
Armando Freitas Filho
Artur do Cruzeiro Seixas
Bernardete Costa
Bernardo Pinto de Almeida
Bruna Lombardi
Carlos Costa
Carlos Quiroga
Carmen Dolores
Casimiro de Brito
Clara de Sousa
Clara Pinto Correia
Claudia Galhós
Dalila d'Alte
Daniel Maia-Pinto Rodrigues
Desidério Murcho
Diogo Alcoforado
Dulce Maria Cardoso
Eurico Gonçalves
Ex- Ricardo dePinho Teixeira
Fabrício Carpinejar
Fátima Vieira
Fernando Echevarría
Fernando Guimarães
Fernando J. B. Martinho
Filipe d'Avillez
Francisco José Viegas
Francisco Penim
Graça Martins
Inês Lourenço
Isabel Aguiar Barcelos
Isabel de Sá
Isabel Meyrelles
João Carlos Callixto

a minha
palavra
favorita

Edição
Jorge Reis-Sá

a minha palavra favorita

Edição: Jorge Reis-Sá

Colecção: Soluções

Direcção gráfica e capa: António José Pedro

Revisão: Rita Moura de Oliveira

Centro Atlântico, Lda., 2007

Av. Dr. Carlos Bacelar, 968 – Escr. 1-A – 4764-901 V. N. Famalicão

Rua da Misericórdia, 76 – 1200-273 Lisboa

Portugal

Tel. 808 20 22 21

geral@centroatlantico.pt

www.centroatlantico.pt

Impressão e acabamento: Papelmunde – SMG, Lda

1.ª edição: Novembro de 2007

ISBN: 978-989-615-055-6

Depósito legal: 266306/07

Reservados todos os direitos por Centro Atlântico, Lda., Jorge Reis-Sá e Autores (2007).
Qualquer reprodução, incluindo fotocópia, só pode ser feita com autorização expressa dos editores da obra.

Apesar de terem sido tomadas todas as precauções, podem ter existido falhas humanas ou técnicas na transcrição dos textos ou nas suas referências. Por essas, ou por quaisquer outras falhas eventualmente existentes neste livro, quer os Editores quer os Autores não assumem qualquer responsabilidade.

índice

| | |
|--|----|
| dou-lhe a minha palavra | 9 |
| adágio · <i>Sofia Lourenço</i> | 13 |
| aetmo-oitum · <i>António Machado</i> | 17 |
| água · <i>Luísa Ferreira</i> | 25 |
| aldeia · <i>Ruy Ventura</i> | 27 |
| Alentejo · <i>Urbano Tavares Rodrigues</i> | 33 |
| amanhã · <i>João Lima Pinharanda</i> | 35 |
| amar · <i>Bernardo Pinto de Almeida</i> | 43 |
| amor · <i>Artur do Cruzeiro Seixas</i> | 45 |
| amor · <i>Manuel Alberto Valente</i> | 47 |
| amore · <i>António Fournier</i> | 49 |
| antes · <i>Inês Lourenço</i> | 53 |
| árvore · <i>António José Teixeira</i> | 55 |
| árvore · <i>Jorge Reis-Sá</i> | 57 |
| beleza · <i>Isabel de Sá</i> | 61 |
| bosque · <i>Daniel Maia-Pinto Rodrigues</i> | 65 |
| calicatri · <i>José Luís Peixoto</i> | 67 |
| cântaro · <i>Rosa Lobato de Faria</i> | 69 |
| caos · <i>Paulo Cunha e Silva</i> | 73 |
| Carvalhelhos · <i>Carlos Costa</i> | 77 |

| | |
|--|-----|
| casa · <i>Fabrcio Carpinejar</i> | 81 |
| casa · <i>Marta Madalena Botelho</i> | 87 |
| claridade · <i>Maria Augusta Silva</i> | 91 |
| coisa · <i>Antnio Gonçalves</i> | 97 |
| corpo · <i>Claudia Galh3s</i> | 99 |
| corpo · <i>Maria Teresa Horta</i> | 107 |
| Cristo · <i>Marcelo Rebelo de Sousa</i> | 113 |
| desamparo · <i>Ex- Ricardo dePinho Teixeira</i> | 115 |
| desejo · <i>Jorge Martins</i> | 123 |
| discoGRAFIA · <i>Jo3o Carlos Callixto</i> | 125 |
| encertar · <i>Clara de Sousa</i> | 131 |
| eros · <i>Casimiro de Brito</i> | 135 |
| eternidade · <i>Maria do Ros3rio Pedreira</i> | 147 |
| eu · <i>Pedro Sena-Lino</i> | 149 |
| eucaristia · <i>Filipe d'Avillez</i> | 153 |
| ex3lio · <i>Diogo Alcoforado</i> | 159 |
| h3ngaro · <i>Carlos Quiroga</i> | 161 |
| imagem · <i>Graa Martins</i> | 165 |
| inf3ncia · <i>Albano Martins</i> | 169 |
| injustia · <i>Possid3nio Cachapa</i> | 171 |
| insecto · <i>Rui Lage</i> | 175 |
| in3til · <i>Jorge Barreto Xavier</i> | 177 |
| inv3lucro · <i>Alexandre Nave</i> | 189 |
| m3o · <i>Rui Costa</i> | 193 |
| mar · <i>Maria Teresa Dias Furtado</i> | 199 |
| mil3grima · <i>Eurico Gonçalves</i> | 201 |
| morte · <i>Armando Freitas Filho</i> | 203 |
| mulher · <i>Maria Bochicchio</i> | 205 |
| m3sica · <i>Jorge Lima Barreto</i> | 209 |
| obsidiana · <i>Fernando J. B. Martinho</i> | 223 |
| palavra · <i>Ana Marques Gast3o</i> | 227 |

| | |
|--|-----|
| palavra · <i>Fernando Guimarães</i> | 235 |
| palavra · <i>José Jorge Letria</i> | 237 |
| palavra · <i>Nuno Higino</i> | 243 |
| palavra · <i>Rui Pedro Tendinha</i> | 247 |
| palhaça · <i>Teresa Ricou</i> | 251 |
| pânico · <i>Dulce Maria Cardoso</i> | 253 |
| poeira · <i>Francisco José Viegas</i> | 259 |
| poema · <i>Fernando Echevarría</i> | 263 |
| poesia · <i>Amadeu Baptista</i> | 265 |
| poesia · <i>Carmen Dolores</i> | 269 |
| Porto · <i>Mário Dorminsky</i> | 271 |
| povo · <i>José Viale Moutinho</i> | 275 |
| respirar · <i>Paulo Ferreira</i> | 279 |
| rio · <i>Jorge Fernandes da Silveira</i> | 287 |
| Rosa · <i>Jorge Rocha</i> | 291 |
| rosamor · <i>Dalila d'Alte</i> | 293 |
| rosto · <i>Isabel Aguiar Barcelos</i> | 295 |
| růže · <i>Jorge Listopad</i> | 297 |
| sabedoria · <i>Rui Coias</i> | 301 |
| serendipidade · <i>Bruna Lombardi</i> | 303 |
| serendipidade · <i>Nuno Crato</i> | 305 |
| silêncio · <i>António Rebordão Navarro</i> | 311 |
| sintonia · <i>Ana Vitorino</i> | 315 |
| solidariedade · <i>Teresa Balté</i> | 317 |
| súbito · <i>José Manuel Teixeira da Silva</i> | 319 |
| sulfato · <i>Paula San Vicente</i> | 325 |
| tempo · <i>Ana Anes</i> | 329 |
| testemunho · <i>Bernardete Costa</i> | 333 |
| traduzir · <i>Isabel Meyrelles</i> | 337 |
| transgressão · <i>João Peste Guerreiro</i> | 341 |
| unicórnio · <i>Alberto Pimenta</i> | 359 |

| | |
|---|-----|
| upabiluca · <i>Francisco Penim</i> | 361 |
| urina · <i>José-Emílio Nelson</i> | 363 |
| utopia · <i>Fátima Vieira</i> | 367 |
| valente · <i>Clara Pinto Correia</i> | 373 |
| vento · <i>Luísa Freire</i> | 379 |
| verbo · <i>José Félix Duque</i> | 383 |
| verdade · <i>Desidério Murcho</i> | 385 |
| violeta · <i>Paulo Brody</i> | 393 |
| voz · <i>Luís Adriano Carlos</i> | 395 |

dou-lhe a minha palavra

A vida faz-se do encontro de vontades. As afinidades são sempre electivas, nunca gratuitas ou extemporâneas. Este livro fez-se por eleição. Esperemos que o eleja para uma leitura curiosa das palavras de tantos.

Quando o editor do Centro Atlântico me convidou para o coordenar – sob o título que o intitula: *a minha palavra favorita* – já eu o estava a editar. Tinha em mãos, havia mais de três anos, um projecto em tudo semelhante a esse para, quando as palavras terminassem o seu tempo de gestação, publicar na editora que dirijo. Ora, passam as horas e fazem-se meses, até anos. As palavras foram chegando de tantos amigos – a quem, honrado pelas suas palavras, agradeço –, mas o livro deixou-se ficar. E foi o editor do Centro Atlântico que, num convite estranho porque tão certo (afinal, já tantas palavras tinham chegado...), lhe induziu o parto.

Mudou-se a editora, tornei-me então editor no significado inglês, renunciando ao cargo de *publisher*. E o livro viu finalmente a luz do dia. Aqui.

Um dicionário de palavras pessoais. Perguntando a tantos *qual a sua palavra favorita*, pedindo a mais *dê-me a sua palavra*, reunimos então 90 figuras de relevo da sociedade portuguesa e as suas palavras sobre a palavra. Escolhendo uma, pedimos: defina-a, dê-lhe luz, troque-lhe as sílabas, escreva um poema, lembre o cheiro das letras. E eles fizeram-no. Do *adágio* de Sofia Lourenço à *voz* de Luís Adriano Carlos, passando pelo *amor*, pela *poesia*, pela *água*, pela *casa*, pelo *corpo*, pela *morte* e pela própria *palavra*; com escolhas tão surpreendentes como *obsidiana*, *milágrima*, *upabiluca*, *calicatri* e *encertar*, aqui se apresentam as mais certas. Entregues como favoritas pelos seus autores, esperando a leitura atenta e, porque não, uma escolha também sua, bom leitor.

A palavra é o último mantimento, definiu um dos poetas mais interessantes da nova geração da poesia portuguesa, Daniel Faria. Corro o risco de mudar o adjectivo e de dizer, neste caso tão específico: a palavra é o único mantimento. Podemos comer arroz, pão, carne ou laranja (essa palavra que Al Berto tão bem utilizou num dos seus melhores poemas, *Prefácio para um livro de poemas*), mas sempre que comemos qualquer uma dessas substâncias estamos também a degustar a palavra substantiva. De palavras vivemos, com palavras morremos. A própria morte é uma palavra justa e pertinente. Valer-nos-á outra, mesmo que cada um de nós encontre aquela em que acredita: a palavra do céu.

Resolvemos ordenar o livro como um dicionário, exactamente. De A a Z, definindo cada palavra favorita nas palavras de quem a escolheu. Autores houve que escolheram a mesma. Nesse caso

voltámos a alfabetizar, desta vez pelo primeiro nome próprio do autor. Ordem dada à palavra, portanto, por aquilo que tanto a constitui: letras e letras que, juntas, verbalizam tantos sonhos.

Esperando que goste da leitura, que possa escolher o leitor também a sua palavra mais bela e faça o exercício de lhe dar outras palavras, convidamo-lo a virar a página e a entrar neste dicionário tão novo. Sílaba a sílaba e rente ao dizer, para citar um dos nossos maiores mestres da língua, Eugénio de Andrade.

Jorge Reis-Sá, Sinções, Outubro de 2007

cântaro

Rosa Lobato de Faria

A dor da escolha

Convoquei as palavras preferidas. Umas, como *caminho*, vieram ajuizadamente. Esta trouxe-me flores e pegadas de sandálias infantis. *Lua* veio sonhadora, deslizando entre nuvens, e *mar* falou alto, vestido de espuma, com mãos transparentes e cabelos molhados. *Estrela* caiu no abismo do meu peito, não sem deixar um perceptível rasto de luz. *Árvore* veio sólida, enfeitada de pássaros e tentou-me com suas roupas verdes estremecidas de brisas. *Nenúfar* quase me convenceu a escolhê-la e pedi-lhe que passasse para o lado do meu coração. Vieram ainda *pedra*, *buganvília*, *cachoeira*, *água* e *barco*, que quase escolhi por me contar tantas viagens, tanto bater de remos e içar de velas, tanta tempestade e sobressalto, mas o ruído de motores mais recentes desanimou-me um pouco e despedi-me dela no cais da minha escolha.

Procurava uma palavra substantiva. Nada de conceitos bonitos que me pusessem a sonhar acordada, sentimental e piegas, «naquele engano d'alma» que a poesia, às vezes traiçoeira, gosta de alimentar.

E as minhas palavras substantivas continuaram a desfilar com pezinhos subtis por cima do meu corpo, do meu rosto, dos meus ombros, algumas a beijar-me na boca como *beijo*, outras a entrar-me nos ouvidos como *música*. Outras ainda, como *aroma*, *perfume*, *fragrância*, sentaram-se, insinuantes, na ponta do meu nariz.

Vendo que não as escolhia, começaram a despedir-se. *Caminho* tinha de ir, não era palavra de ficar ali à espera que uma escritora ociosa inventasse um conceito com pernas para andar. *Lua* tinha um quarto minguante à sua espera, sim, um quarto, que apesar de minguante lhe prometia uma cama feita com farrapos de luar. Um pouco altiva e muito nocturna, apanhou boleia com uma nuvem que passava e, deslizando, subiu alto no céu.

Mar estava a ser solicitado por tantos escritores que só lhe restou seguir viagem, não sem antes acariciar areias e agredir rochas que resistiam ao seu abraço. *Estrela* já se tornara cadente, mas talvez eu não escolhesse uma palavra apagada há milhões de anos, ela que me desculpe, que tanta vez, docilmente, se deixou usar nos meus poemas.

Árvore. Como posso rejeitá-la? É mãe, é pai, é símbolo, é frescura, é sombra, é protecção, abriga ninhos e cantorias. E ainda nos dá lenha, folhagem, flores e frutos. Mas vendo a minha hesitação, disse, com a seiva da sua generosidade:

– Temos sido tão boas amigas, tanta vez me preferiste nos teus escritos, que agora deves dar oportunidade a outra palavra mais modesta. Eu, bem vês, estou constantemente nos quadros, nos livros, nas cantigas e virei sempre que de mim precisares. Mas agora vou alimentar os ares da floresta.

E partiu.

Buganvília estremeceu de alegria quando viu que chegara a hora de ser examinada. Compôs as mil flores do seu vestido como para um concurso de beleza.

– Sempre deixei que usasses e abusasses de mim, vais deixar-me de fora? Sou inspiração de poetas, transformo as ruas em jardins, agarro-me às paredes das casas dos teus romances, e agora nada?

Achei-a um pouco floreada no seu discurso e dispensei-a até uma próxima vez.

Não escolhi *água* porque ela estará implícita em qualquer palavra seleccionada, *nenúfar* é já uma prova disso. *Cachoeira* é ruidosa de mais para este pequeno texto que se quer sereno, e *pedra*, bem, *pedra* fechou-se num silêncio um pouco duro solidamente implantada na sua eternidade.

Tentei sacudir *beijo* e *música* e *perfume*, mas elas evidentemente ficaram, porque sem elas não seria capaz de escolher palavra nenhuma. Nomeei-as minhas conselheiras para que a palavra escolhida lembre beijos, tenha música e sugira aromas de terra e chuva e flor de laranjeira.

Nenúfar não tem cheiro. É plácida como uma oração ao fim da tarde. É uma palavra pura e grave. Linda. Mas um pouco estática, apesar daquele *r* final, aquele *ú* acentuado. Apesar da brancura, apesar da beleza. Despedi-a com medo de a macular.

Quando estava indecisa chegou *búzio*. Toda cheiro, toda segredos do oceano, com o mesmo *ú* acentuado que me seduz e contou-me ao ouvido a história dos seus amores com uma conchinha cor-de-rosa que conheceu na praia e a que não se cansa de encostar o seu nácar, a sinfonia que é toda a sua essência de búzio, aquela

encertar

Clara de Sousa

A palavra persegue-me há 20 anos.

Até à maioridade fazia parte do meu vocabulário diário devido à mestria culinária da minha mãe, cozinheira profissional, excelente doceira.

Sempre que havia bolo eu pedia para o «encertar».

Se possível ainda quente.

Teria perto dos 19, 20 anos quando, confiante no meu vocabulário, decidi dizer bem alto numa festa de aniversário que iria «encertar» o bolo.

Olhos arregalaram-se, conversas paralelas começaram, um estranho peso se abateu na sala, perante tamanha calinada.

Estava a rapariga já na Faculdade de Letras e o Português... enfim, imperdoável.

Ainda por cima queria ser professora da Língua-Mãe.

Fui então alertada, à parte, para a asneira.

Encetar, Clara... Diz-se encetar o bolo, porque o vais abrir, vais começar...

Encetar? Estamos a brincar!

Sabia perfeitamente o que era encetar, fossem conversas ou conversações, conversinhas e conversetas... mas nunca um bolo!

Minha mãe da Beira Litoral e meu pai de Trás-os-Montes, ambos diziam «encetar» e tal como eles os seus irmãos e pais, sobrinhos e sobrinhas, enteados e vizinhança, todos «encertavam» um bolo!

Fossem lá dizer-lhes o contrário que teriam risada, na certa!

Roída pela dúvida, mal pude, abri o dicionário, no encalço da minha palavra.

Como se fosse uma jóia de valor inestimável transmitida de geração em geração.

Letra E, um pouco mais à frente... empapar... encarnado... encerebrar...

só mais um pouco...

encer...

encer...

encerrar.

encerro.

encestar.

Por momentos, o mundo desabou ali mesmo.

Nada de «encertar».

A minha doce palavra não constava no Dicionário de Língua Portuguesa.

Ainda hoje, tantos anos passados, a palavra martela na minha

QUAL A SUA PALAVRA FAVORITA

www.aminhapalavrafavorita.pt



João Lima Pinharanda
João Peste Guerreiro
Jorge Barreto Xavier
Jorge Fernandes da Silveira
Jorge Lima Barreto
Jorge Listopad
Jorge Martins
Jorge Reis-Sá
Jorge Rocha
José Emílio-Nelson
José Félix Duque
José Jorge Letria
José Luís Peixoto
José Manuel Teixeira da Silva
José Viale Moutinho
Luís Adriano Carlos
Luísa Ferreira
Luísa Freire
Manuel Alberto Valente
Marcelo Rebelo de Sousa
Maria Augusta Silva
Maria Bochicchio
Maria do Rosário Pedreira
Maria Teresa Dias Furtado
Maria Teresa Horta
Mário Dorminsky
Marta Madalena Botelho
Nuno Crato
Nuno Higinio
Paula San Vicente
Paulo Brody
Paulo Cunha e Silva
Paulo Ferreira
Pedro Sena-Lino
Possidónio Cachapa
Rosa Lobato de Faria
Rui Coias
Rui Costa
Rui Lage
Rui Pedro Tendinha
Ruy Ventura
Sofia Lourenço
Teresa Balté
Teresa Ricou
Urbano Tavares Rodrigues

Um dicionário de palavras pessoais. Perguntando a tantos *qual a sua palavra favorita*, pedindo a mais *dê-me a sua palavra*, reunimos 90 figuras de relevo da sociedade portuguesa e as suas palavras sobre a palavra. Escolhendo uma, pedimos: defina-a, dê-lhe luz, troque-lhe as sílabas, escreva um poema, lembre o cheiro das letras. E eles fizeram-no. Do *adágio* de Sofia Lourenço, à voz de Luís Adriano Carlos, passando pelo *amor*, pela *poesia*, pela *água*, pela *casa*, pelo *corpo*, pela *morte* e pela própria *palavra*; com escolhas tão surpreendentes como *obsidiana*, *milágrima*, *upabiluca*, *calicatri* e *encertar*, aqui se apresentam as mais certas. Entregues como favoritas pelos seus autores, esperando a leitura atenta e, porque não, uma escolha também sua, bom leitor.

Esperando que goste da leitura, que possa também escolher a sua palavra mais bela e faça o exercício de lhe dar outras palavras, convidamo-lo a virar a página e a entrar neste dicionário tão novo. Sílabas a sílabas e rente ao dizer, para citar um dos nossos maiores mestres da língua, Eugénio de Andrade.

Jorge Reis-Sá

QUAL A SUA **PALAVRA FAVORITA?**

www.aminhapalavrafavorita.pt

